

**Decolonialidade: uma perspectiva para cidades africanas mais inclusivas?**

**Decononality: a perspective for more inclusive African cities?**

**Decolonialidad: una perspectiva para unas ciudades africanas más integradoras?**

DOI: 10.54033/cadpedv22n1-294

Originals received: 12/28/2024

Acceptance for publication: 01/17/2025

---

**Miguel Abudo Momade Ali**

Doutor em Desenvolvimento Urbano

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Endereço: Recife, Pernambuco, Brasil

E-mail: miguelamuhamadali@hotmail.com

---

## **RESUMO**

As políticas urbanas coloniais até hoje restringiram o acesso dos africanos em suas próprias cidades, transformando-as em locais de opressão e segregação racial, violando assim o direito a cidade. Este fenómeno têm se apresentado como consequências da colonização. Este facto nos enxergar a necessidade de trazer a tona decolonialidade para repensar estas cidades, especialmente para as cidades moçambicanas. O artigo tem como objectivo oferecer uma visão abrangente sobre a decolonialidade das cidades africanas, enfatizando a intersecção entre história, identidade e espaço urbano, destacando as lutas contínuas por reconhecimento e empoderamento nos panoramas urbanos africanos. O mestudo de carácter qualitativo, teórico. uns dos resultados obtidos indicam que a descolonização das cidades africanas não é um mero processo de resistências ou de libertação, passa necessariamente por uma conjuntura de conhecimento sobre a relações sociais e históricas das nossas cidades, conhecimento este que vai libertar e ajudar a enxergar as reais causas desse fenómeno de reprodução da cidades africanas na logica colonial dualista,

**Palavras-chave:** Decolonialidade. Colonização. Cidades. África.

## **ABSTRACT**

Colonial urban policies to this day have restricted Africans' access to their own cities, turning them into places of oppression and racial segregation, thus violating the right to the city. This phenomenon has been presented as a consequence of colonisation. This fact makes us realise the need to bring decoloniality to the fore in order to rethink these cities, especially Mozambican cities. The article aims to offer a comprehensive overview of decoloniality in African cities, emphasising

the intersection between history, identity and urban space, highlighting the ongoing struggles for recognition and empowerment in African urban landscapes. The results obtained indicate that the decolonisation of African cities is not merely a process of resistance or liberation, but necessarily involves a conjuncture of knowledge about the social and historical relations of our cities, knowledge that will liberate and help us to see the real causes of this phenomenon of reproduction of African cities in the dualistic colonial logic.

**Keywords:** Decoloniality. Colonization. Cities. Africa.

## RESUMEN

Las políticas urbanas coloniales han restringido hasta hoy el acceso de los africanos a sus propias ciudades, convirtiéndolas en lugares de opresión y segregación racial, violando así su derecho a la ciudad. Este fenómeno ha sido consecuencia de la colonización. Este hecho nos hace darnos cuenta de la necesidad de poner en primer plano la decolonialidad para repensar estas ciudades, especialmente las mozambiqueñas. El artículo pretende ofrecer una visión global de la decolonialidad en las ciudades africanas, haciendo hincapié en la intersección entre historia, identidad y espacio urbano, destacando las luchas actuales por el reconocimiento y el empoderamiento en los panoramas urbanos africanos. Los resultados obtenidos indican que la descolonización de las ciudades africanas no es un mero proceso de resistencia o liberación, sino que implica necesariamente una coyuntura de conocimiento sobre las relaciones sociales e históricas de nuestras ciudades, conocimiento que liberará y nos ayudará a ver las causas reales de este fenómeno de reproducción de las ciudades africanas en la lógica colonial dualista,

**Palabras clave:** Decolonialidad. Colonización. Ciudades. África.

## 1 INTRODUÇÃO

As cidades africanas com mais enfoques nas políticas urbanas coloniais restringiram o acesso dos africanos às cidades, transformando-as em locais de opressão e segregação racial. Passados 49 anos de independência de vários países africanos, em particular para Moçambique, a reprodução das cidades ainda se caracterizam pela lógica dualista colonial (cidade cimento e cidade caniço) em consequências da colonização como é frisado por FANON no seu famoso livro “os condenados da terra” onde demonstra evidentemente como a colonização de pessoas e de suas terras, vem se perpetuando a colonialidade do ser, do saber e do poder no cotidiano do sul global, geográfico e metafórico.

Nestes moldes Danewid, (2020) traz à tona o impacto das políticas urbanas coloniais nas dinâmicas contemporâneas de gentrificação, argumentando que as práticas de planejamento urbano modernas são herdeiras de estratégias coloniais. A segregação racial e a marginalização continuam a ser características persistentes nas cidades contemporâneas, refletindo uma continuidade das estruturas de poder colonial.

A produção significativa que se foca na crítica à colonialidade do conhecimento e do poder que sustenta esses imaginários é, hoje em dia, uma fonte fundamental para reconsiderar as cidades e as iniciativas direcionadas à sua transformação em diversas regiões do mundo. A colonialidade, que vai além do colonialismo em si, fundamenta-se não apenas na conquista e controle dos territórios, mas também na colonização das ideias. É esse imaginário urbano que, atualmente, molda a colonialidade do raciocínio sobre a cidade, o urbanismo e o planejamento urbano. No entanto, é essencial reconhecer e registrar as práticas contrárias à hegemonia que foram e estão sendo experimentadas nessas cidades.

Deste modos a decolonialidade das cidades africanas revela um panorama complexo e multifacetado, refletindo as interações entre colonialismo, identidade e a urbanização. A decolonialidade pode ser uma proposta para que as cidades africanas possam trazer outras dinâmicas na construção de cidades mais inclusivas e democráticas.

O artigo tem como objectivo oferecer uma visão abrangente sobre a decolonialidade das cidades africanas, enfatizando a intersecção entre história, identidade e espaço urbano, destacando as lutas contínuas por reconhecimento e empoderamento nos panoramas urbanas africanas.

Metodologicamente o estudo é de abordagem qualitativa, com base teóricas de alguns estudiosos das cidades africanas e decolonialidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 BREVE IDEIA DE FRANTZ FANNON SOBRE A DECOLONIALIDADE

É inevitável falar da decolonialidade e não chamar por Franz Fanon, principalmente na sua obra “os condenados da terra”. A primeira preocupação de Fanon consistia em buscar uma forma de como os países do sul global (os que mais sofreram com consequências da colonização) possam ter conhecimento de como este fenômeno perpetua-se até hoje na maneira de pensar e agir destas ex-colônias.

Nos seus escritos Fanon (1986) revela como o impacto da violência da colonização se eterniza nos colonizados, e a correspondente violência absoluta que decorre dessa descolonização. Sendo que esta última conduz para uma profunda transformação do ser colonizado, ou seja, a criação de homens novos.

Para Fanon (1986) a verdadeira descolonização deve ser mediada por ações conscientes que rompam com as estruturas coloniais e promovam a educação das massas. Essa ruptura é vista como essencial para a criação do “novo homem”, que não apenas busca a libertação nacional, mas também a libertação individual. A ideia de que a descolonização deve elevar o homem negro à realização de sua humanidade é central na obra de Fanon, enfatizando que o projeto de descolonização está enraizado nas necessidades humanas.

Ndlovu, (2010) na base do Fanon faz uma anáise à burguesia nacional que muitas vezes coloca seus interesses acima dos da população em geral. Este defende que a libertação genuína deve ser vivenciada por cada cidadão dentro de uma comunidade livre, o que implica que a descolonização não é apenas uma luta política, mas um processo que deve envolver a transformação social e a inclusão dos cidadãos comuns nas decisões políticas.

O artigo “*Frantz Fanon and the Dialectic of Decolonisation*”, escrito por Ndlovu, (2010) faz uma análise profunda das ideias de Frantz Fanon sobre a descolonização e o papel essencial da consciência coletiva na formação de uma nova humanidade. Este ainda destaca a visão de Fanon de que a descolonização não deve ser um processo punitivo, mas sim um caminho para

a liberdade mútua entre negros e brancos. Essa abordagem é fundamental para entender como Fanon critica a perpetuação do ódio racial e propõe uma alternativa que visa a emancipação do ser humano como um todo.

Além disso, Fanon enfatiza que a liberação nacional está intrinsecamente ligada à libertação individual, argumentando que "uma autêntica libertação nacional existe apenas na medida em que o indivíduo começou irreversivelmente sua própria libertação". Essa interdependência entre a libertação coletiva e individual é uma das contribuições mais significativas de Fanon para o pensamento descolonial, pois sugere que a transformação social não pode ocorrer sem a participação ativa e consciente dos indivíduos.

O outro artigo que vale a pena referenciar é o "Theories of Anzaldua and Fanon: The Battle of Algiers to Black Lives Matter", escrito por Carey (2018) que analisa profundamente as teorias de Frantz Fanon em relação à descolonização e à opressão sistemática. A autora destaca como Fanon, ao longo de sua vida, se dedicou a aconselhar ativistas no processo de luta pela independência e descolonização, enfatizando a importância de entender as ideologias duradouras da colonização e o trauma histórico internalizado que afecta as comunidades colonizadas.

Nesta análise a autora revela a importância do registro histórico para o ativismo cultural. Essa perspectiva é crucial para entender como as comunidades podem se apropriar do conhecimento necessário para uma descolonização radical de sua cultura e terra.

A autora também discute a ideia de que a presença física dos ativistas em Algiers influenciou significativamente a forma como se manifestaram. A este respeito Fanon (1968) similarmente argumenta que a corporeidade do ativista é um elemento vital na luta pela liberdade e controle.

Neste quesito, Costa (2016) enfatiza a importância de reconhecer a visibilidade do invisível, ressaltando que o reconhecimento humano é uma conquista que deve ser lutada continuamente. A descolonização, especialmente no contexto da Argélia, é apresentada como uma luta não apenas política, mas também econômica e cultural, que requer uma reestruturação profunda das sociedades afetadas pelo colonialismo.

Por sua vez, Santana (2018) oferece um contexto biográfico que enriquece a compreensão das teorias de Fanon. Sua formação em psiquiatria e seu envolvimento na resistência argelina são apresentados como elementos cruciais que moldaram seu pensamento em todos os campos. O autor argumenta que a descolonização deve ser vista não apenas como um processo político, mas também como uma necessidade de cura psicológica e social, ressaltando a importância de incluir o pensamento africano nas discussões educacionais e nas dinâmicas urbanas contemporâneas.

Eaton, (2018) traz uma análise sobre o humanismo fanoniano destacando a crítica contundente à lógica colonial, que é descrita como irracional e imoral. O autor enfatiza que, para que o humanismo de Fanon se concretize, é imperativo que os sujeitos colonizados encontrem formas de criar ou apropriar-se de significados que não repliquem as condições tóxicas impostas pelo colonialismo. Essa perspectiva é crucial para a compreensão das dinâmicas de opressão e discriminação que ainda permeiam as sociedades contemporâneas.

A emancipação formal e a busca por igualdade de oportunidades são insuficientes para a verdadeira libertação dos sujeitos racializados. Essa afirmação ressoa fortemente com a visão de Fanon (1968) de que a transformação social deve ser um esforço sociopolítico coletivo, onde novas relações e formas de pensar são fundamentais para superar os limites da razão colonial. A crítica a essas estruturas opressivas é um passo necessário para a construção de uma nova forma de humanismo, que não apenas desafie as normas existentes, mas que também promova um reordenamento das relações sociais e dos espaços urbanos.

Para Fanon (1968) a descolonização exige uma reformulação completa da situação colonial, o ditado: “os últimos serão os primeiros” faz sentido no contexto da expulsão dos invasores-colonizadores da nação, pois trata-se de um triunfo, ainda que pós-descolonização decorram processos internos de guerras civis por disputa de poder de grupos políticos antagônicos como, observamos, temos assistido em alguns países do continente africano, como Sudão e Moçambique, e latino-americanos e do Caribe, como Haiti e Equador. A descolonização exige o compromisso de resistência e luta pela liberdade, um

propósito em coletividade, em comunidade. “Eis o que Fanon explica a seus irmãos da África, da Ásia, da América Latina, realizaremos todos.

Portanto, pensar em cidades para os africanos, cidades menos marginalizadas e democráticas torna-se necessário a libertação do conhecimento para perceber as amarrações e as sequelas da colonização na contemporaneidade.

## 2.2 O COLONIALISMO ENRAIZADO NAS CIDADES AFRICANAS

Depois de um decorrer das ideias da decolonialidade do Fanon, passamos a discutir como a reprodução das cidades africanas carregam consigo uma grande influência colonial.

O artigo "The mapping of urban spaces and identities in current Zimbabwean and South African fiction", de Manase (2003), trabalha sobre a crítica das dinâmicas urbanas em Harare e Joanesburgo, destacando as possibilidades de agência e reconstituição que emergem mesmo em condições adversas. O autor argumenta que, apesar do contexto urbano frequentemente desolador, os habitantes dessas cidades possuem a capacidade de subverter as condições opressivas que os cercam, refletindo uma luta contínua pela autoafirmação e empoderamento socioeconômico nessas cidades.

A análise se baseia na ideia de De Certeau sobre a remapeação da cidade, onde os indivíduos não são meramente vítimas das estruturas urbanas, mas sim agentes ativos que buscam redefinir suas identidades e espaços. O autor ilustra essa capacidade através das experiências de personagens como Refilwe, que, ao buscar educação em Oxford, se empodera e, ao retornar, decide enfrentar sua condição de saúde. Essa narrativa não apenas destaca a resistência individual, mas também sugere um processo de reconexão com a própria comunidade, enfatizando a importância do ativismo local na luta contra doenças e estigmas nessas cidades.

Além disso, a escolha de Alice em se afastar de relações casuais e sua entrada no domínio masculino das arrumações fúnebres exemplificam a busca por autonomia e reconfiguração de papéis de gênero. A transição de Sara de

dona de casa para comerciante transfronteiriço representa uma reconstituição das identidades femininas no espaço urbano, desafiando as limitações impostas por um sistema patriarcal e colonial.

Manase, (2003) ainda critica a forma como a identidade dos habitantes das cidades sul-africanas é historicamente moldada por legados de colonialismo e apartheid, resultando em um mapeamento urbano que frequentemente os invisibiliza. Essa perspectiva pós-colonial é crucial para entender a complexidade das identidades urbanas contemporâneas, que são influenciadas por uma herança de exclusão e marginalização.

O artigo "From City of the Oppressed to City of the Free: Tracing the Progress of Decolonization in African Cities" de Botti (2016) apresenta uma análise crítica sobre a descolonização das cidades africanas, com foco nas políticas urbanas coloniais britânicas que visavam marginalizar a população africana. Os historiadores quenianos Kefa Otiso e Godwin Murunga são citados nesse artigo para ilustrar como essas políticas não apenas desencorajavam a residência africana nas cidades coloniais, mas também buscavam manter os africanos atrelados à agricultura de subsistência, protegendo assim os interesses capitalistas dos colonizadores brancos.

Botti, (2016) destaca que as cidades coloniais eram governadas por rígidas políticas de segregação racial, que privilegiavam os europeus em detrimento dos africanos. Essa estrutura de poder não só limitou o acesso dos africanos aos recursos urbanos, mas também os transformou em vítimas de um sistema opressivo, conforme argumentado por Maurice Amutabi. Ele enfatiza que as cidades coloniais eram percebidas como locais de terror, onde a superioridade europeia era continuamente reafirmada, privando os africanos de sua agência e voz.

O artigo também menciona que os historiadores frequentemente retratam os africanos colonizados como figuras sem poder, incapazes de influenciar as dinâmicas sociais e políticas das cidades coloniais. Essa narrativa é apoiada por Georg, que sublinha como as políticas de segregação e discriminação racial tornaram os africanos urbanos vítimas impotentes dentro de um sistema que os marginalizava.

A análise de Botti, (2016) é significativa, pois não apenas revisita a história colonial das cidades africanas, mas também provoca uma reflexão sobre os legados persistentes dessa opressão na atualidade. A crítica à representação dos africanos como meras vítimas é um ponto crucial para compreender a luta pela descolonização, que busca reverter essa narrativa e restaurar a agência dos povos africanos nas suas próprias cidades.

Makhubu, (2016) no seu artigo intitulado "A democratic city?: the role of transport networks on social cohesion", aborda a intersecção entre redes de transporte e a coesão social em contextos urbanos pós-apartheid, especificamente em Joanesburgo. A pesquisa se concentra em entender o que significa a democracia de forma espacial em uma cidade que busca se redefinir após um período de segregação e desigualdade.

A análise de Makhubu (2016) é baseada nos três temas propostos por Pieterse (2006): a teorização das cidades pós-coloniais, os entrelaçamentos em rede e a sensibilidade metodológica na investigação social. Isso sugere uma abordagem crítica em relação à forma como as cidades africanas são percebidas e como suas estruturas urbanas são moldadas por legados coloniais e políticas contemporâneas. Segundo Makhubu (2016) é essencial explorar novos vocabulários políticos que sustentem uma cidadania democrática radical nas cidades pós-coloniais, enfatizando a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a espacialidade da democracia.

A discussão sobre a evolução morfológica de Joanesburgo, impulsionada por atualizações significativas na infraestrutura de transporte, revela como essas intervenções podem influenciar a coesão social e a inclusão. A argumentação de que a arquitetura e o urbanismo são intrinsecamente políticos, conforme apontado por Judin (2014), é particularmente relevante. No mesmo viés Makhubu, (2016) sugere que as redes de transporte não são apenas meios de deslocamento, mas também ferramentas que podem promover ou obstruir a integração social, dependendo de como são planejadas e implementadas.

Embora a autora faz boas reflexões, a pesquisa tem suas limitações. Ao não incluir a literatura sobre urbanismo africano, o estudo pode perder nuances importantes sobre as especificidades culturais e sociais que moldam as cidades

africanas. A ausência dessa perspectiva pode resultar em uma análise que, embora crítica, não aborde plenamente a complexidade das realidades urbanas no continente.

O artigo "The design of municipal council chamber for East London: an exploration of culture and identity in a contested socio-spatial landscape", escrito por Malefane, (2017), oferece uma análise crítica dos projetos arquitetônicos pós-apartheid, focando na identidade e expressão africanas em um contexto socioespacial conturbado. Através de uma investigação metódica, o autor utiliza a obra de Noble, "African Identity in Post-Apartheid Public Architecture: White Skin, Black Mask", como um referencial teórico para explorar como a arquitetura pública pode refletir e moldar a identidade africana em um cenário pós-colonial.

Malefane, (2017) discute a importância de entender a relação entre espaço físico e identidade cultural, enfatizando que as intervenções arquitetônicas devem ser informadas por uma consciência crítica das experiências históricas de colonização e opressão. O autor argumenta que a análise desses projetos deve considerar as narrativas locais e as dinâmicas de poder que moldam as cidades africanas contemporâneas. Este enfoque é particularmente relevante para a descolonização das cidades africanas, pois sugere que a arquitetura não é apenas uma questão estética, mas também um meio de afirmar e reconstruir identidades culturais que foram marginalizadas.

Os conceitos de "pele e máscara", conforme discutidos por Fanon e reinterpretados por Noble, são centrais para a compreensão da luta pela autonomia cultural e política nas sociedades pós-coloniais. Malefane, (2017) destaca que, ao reconhecer a "máscara" imposta pelos colonizadores, os povos africanos podem começar a dismantelar as estruturas de dominação e a reivindicar suas próprias narrativas e expressões. Essa abordagem crítica é fundamental para a compreensão da descolonialidade nas cidades africanas, pois permite uma reflexão sobre como a arquitetura pode servir como um espaço de resistência e reapropriação cultural.

O artigo "Decolonising education in South Africa: perspectives and debates", de Fataar, (2018) aborda a necessidade urgente de reconfiguração dos currículos educacionais nas universidades africanas, destacando a

importância de integrar a ética e a história do Antigo Egito como fundamentos de uma pedagogia decolonial. A proposta de Fataar, (2018) se alinha ao conceito de afrocentricidade, que busca desafiar a predominância do conhecimento colonial e promover uma compreensão mais rica e diversificada da história africana.

No contexto das cidades africanas, a discussão sobre a decolonialidade se torna ainda mais relevante, especialmente quando se considera o estudo de Davids sobre as remoções forçadas urbanas. Ele argumenta que uma versão decolonizada das remoções forçadas pode contribuir para a coesão social, utilizando como base histórica os espaços cosmopolitas que foram destruídos pela Lei das Áreas de Grupo durante o apartheid. Este enfoque não apenas ilumina as consequências sociais da segregação, mas também propõe uma crítica ideológica que pode servir como um instrumento pedagógico de desconstrução das narrativas coloniais que ainda permeiam o ensino.

Além disso, a contribuição de Elizabeth Walton sobre educação inclusiva, vista sob uma perspectiva decolonial, traz à tona a problemática do conhecimento euro-americano que domina o campo educacional. Ao sugerir um modelo afrocentrado de educação inclusiva, Walton conecta a prática educacional à cultura tradicional africana e ao conceito de ubuntu, que enfatiza a interconexão e a humanidade compartilhada. Essa abordagem pode ser vista como um passo significativo na resistência à colonialidade do conhecimento e do poder, embora também levante questões sobre o que se denomina "inocência dos colonos", que pode obscurecer as complexidades das realidades contemporâneas.

O artigo intitulado "The fire this time: Grenfell, racial capitalism and the urbanisation of empire", escrito por Danewid, (2020), oferece uma análise crítica sobre a gentrificação e suas raízes coloniais nas políticas de habitação urbana e planejamento das cidades. A autora argumenta que a gentrificação não é um fenômeno isolado, mas sim uma continuação de práticas e técnicas que se originaram nas cidades coloniais.

(Danewid, 2020) destaca que o planejamento urbano moderno, incluindo a segregação e a administração de favelas, foi primeiramente experimentado em

contextos coloniais. A separação das populações colonizadas em áreas distintas, motivada por temores de doenças infecciosas, resultou em cidades que eram "cortadas ao meio", com uma divisão clara entre a cidade dos colonizadores, que era "fortemente construída", e a cidade dos colonizados, descrita como "uma cidade faminta". Essa dualidade espacial reflete um princípio de segregação racial que, segundo a autora, retornou aos centros metropolitanos no Ocidente durante as décadas de 1950 e 1960.

Além disso, para Danewid, (2020) os programas contemporâneos de renovação urbana e gentrificação devem ser entendidos como uma extensão das técnicas coloniais de organização do espaço urbano. O desenvolvimento urbano frequentemente se realiza através da criação de espaços racializados, onde a polícia urbana se baseia em modelos coloniais de pacificação e controle. Esses "laboratórios sociais" das cidades coloniais foram fundamentais para o desenvolvimento de novas estratégias de segurança que visavam "pacificar" as geografias urbanas.

A análise de Danewid, (2020) é particularmente relevante ao considerar a decolonialidade das cidades africanas, uma vez que as práticas contemporâneas de gentrificação podem ser vistas como uma reiteração das dinâmicas coloniais que ainda persistem nas cidades modernas. A crítica à forma como o espaço urbano é organizado e controlado revela as continuidades históricas entre o colonialismo e as políticas urbanas atuais, destacando a necessidade de uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que moldam as cidades africanas contemporâneas.

Num outro prisma o "Decoloniality as a social issue for psychological study", de (Ratele *et al*, 2022), aborda a intersecção entre decolonialidade e questões sociais, enfatizando a dimensão espacial dos projetos decoloniais. A pesquisa etnográfica de Lukate (2022) sobre salões de beleza afro destaca esses espaços como locais de construção e negociação da identidade racial das mulheres negras, que muitas vezes desafiam os padrões dominantes de beleza. Essa análise é igualmente crucial para entender como a marginalização das identidades negras e suas representações estéticas se manifesta em interações socioespaciais, refletindo uma luta constante contra as normas estabelecidas.

### 3 CONCLUSÕES

As literaturas sobre a decolonialidade das cidades africanas revela uma complexidade intrínseca que se entrelaça com as questões de colonialismo, identidade e urbanização. Torna-se necessários e urgente o aprofundamento destas leituras de modo que se traga uma visão abrangente sobre como as dinâmicas históricas e contemporâneas que moldam as experiências urbanas e a luta por reconhecimento e empoderamento.

Ao se buscar cidades africanas fora da lógica colonial (excludente), necessita de iniciar um processo de construção do conhecimento nos seio destas sociedades a partir de uma busca regida da histórias das nossas cidade e como esta história influenciou e influencia até hoje a forma como as nossas cidades são projectadas. Isto implica trabalhar a questão decolonial como os resultados dos estudos demonstram.

A decolonialidade das cidades não é apenas uma questão de identidade, mas também envolve uma crítica às estruturas espaciais que perpetuam a desigualdade racial. Essa análise crítica abre espaço para reflexões sobre como as cidades africanas, e as de comunidades afrodescendentes em contextos urbanos podem ser vistas como arenas de resistência e reconfiguração identitária em face de legados coloniais persistentes.

A educação e a proposta de uma pedagogia inclusiva que desafie as narrativas coloniais são fundamentais para a construção de uma nova consciência crítica. A intersecção entre decolonialidade e práticas contemporâneas, como a gentrificação, revela que as estruturas de poder colonial ainda persistem nas cidades modernas africanas.

A descolonização das cidades africanas não é um mero processo de resistências ou de libertação, passa necessariamente por uma conjuntura de conhecimento sobre a relações sociais e históricas das nossas cidades, conhecimento este que vai libertar e ajudar a enxergar as reais causas desse fenómeno de reprodução da cidades africanas na lógica colonial dualista,

Frantz Fanon permanece relevantes nas lutas contemporâneas por descolonização e identidade. A intersecção entre a luta política, a recuperação da

identidade cultural e a necessidade de uma transformação social profunda é uma mensagem central que ressoa nos artigos analisados. O legado de Fanon continua a inspirar movimentos que buscam não apenas a liberdade, mas também a dignidade e o reconhecimento da humanidade dos povos colonizados. Dai a necessidade das instituições de ensino, com mais enfoque para as instituições de ensino superior trazer este autor não só como uma leitura do sul global, mas a chave para o desenvolvimento pleno do sul global que passa pelo reconhecimento da sua história e o impacto que ela traz até hoje.

A realidade moçambicana, a semelhanças de outras africanas se mostra muito apática sobre esta questão de decolonialidade e cidades, daí acredita-se com estes resultados pode ser uma alavanca para um repensar as cidades que queremos e de onde iniciarmos a luta para reivindicar a mesma. Igualmente os resultados podem abrir espaços para reduzir as lacunas que as nossas academias apresentam em relação a esta temática, pois eles trazem de alguma forma uma visão interessante sobre estas questões.

Por outro lado, a nossa sociedade civil por falta das narrativas decolonial, ela acaba de forma engenua contribuído para a produção dessas cidades excludente, marginalizando assim a classe baixa. Com estes resultados a sociedade pode encontrar aqui uma ferramenta de como estas questões decolonial é importante para acelerar e nortear as suas lutas pelo direito a cidade.

A outra reflexão que se pode trazer a partir destes resultados dizem respeito a uma visão mais real do porque as nossas cidades são extremamente desiguais e excludentes aos profissionais que trabalham com cidades, ou mesmo as sociedades no geral, e ao mesmo tempo podem abrir uma oportunidade para mais debates neste campo.

Durante a pesquisa enfrentou-se as algumas limitações em encontrar literaturas africana (em língua portuguesa). Isto pode também revelar a falta de interesse das academias dos PALOPS nesta matéria. A outra limitação diz respeito ao facto das academias em Moçambique quase que não trabalham esta temática, isto torna-se uma limitação porque pouco se pode discutir com estas

para aprofundar mais sobre tema.o mesmo acontece com sociedade civil que são os movimentos de pressão.

Por isso, recomenda-se urgentemente para que as academia e a sociedade civil comecem a buscar esta temática de modo que possam vir auxiliar os gestores municipais a partir de debates e extensão universitária. Para os pesquisadores e futuros estudos recomenda-se que iniciem a trabalhar as cidades na perspectiva decolonial como forma de desconstruir certas narrativas sobre as cidades africanas.

## REFERENCIAS

1. ABSALOM, M. J. A democratic city?: the role of transport networks on social cohesion. (2016) [\[PDF\]](#)
2. BOTTI, O. From City of the Oppressed to City of the Free: Tracing the Progress of Decolonization in African Cities. (2016). [\[PDF\]](#)
3. CAREY, M. Theories of Anzaldúa and Fanon: The Battle of Algiers to Black Lives Matter. (2018). [\[PDF\]](#)
4. COSTA, B., J. Frantz Fanon's prayer: o my body, make of me always a man who questions. (2016). [\[PDF\]](#)
5. DANEWID, I. The fire this time: Grenfell, racial capitalism and the urbanisation of empire. (2020). [\[PDF\]](#)
6. EATON, K. (2018). Understanding Fanonian Humanism Through National Struggles. [\[PDF\]](#)
7. Fanon, F. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. (1968)
8. FATAAR, A. Decolonising education in South Africa: perspectives and debates. (2018). [\[PDF\]](#)
9. MALEFANE, R. The design of municipal council chamber for East London: an exploration of culture and identity in a contested socio-spatial landscape. (2017). [\[PDF\]](#)
10. MANASE, I. (2003). The mapping of urban spaces and identities in current Zimbabwean and South African fiction. (2003). [\[PDF\]](#)
11. NDLOVU, S. Frantz Fanon and the Dialectic of Decolonisation. (2010). [\[PDF\]](#)
12. RATELE, K., REDDY, G., ADAMS, G., & SUFFLA, S. Decoloniality as a social issue for psychological study. (2022). [\[PDF\]](#)
13. SANTANA, B.J. O uso do texto clássico de filosofia e o uso do texto da filosofia africana nas aulas de filosofia do ensino médio: desafios e possibilidades do uso dos textos clássicos e a importância de se abordar o pensamento africano. (2018). [\[PDF\]](#)